



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

---

**Teologia negra para a mulher negra:  
uma leitura hermenêutica.**

*Tiago de Freitas Lopes<sup>1</sup>*

**Resumo:**

Este artigo destaca o papel da mulher negra a partir de pistas hermenêuticas identificadas na “Teologia Negra” de James Cone e através do artigo de Maricel López: “Hermenêutica negra feminista – de invisível a intérprete e artífice da sua própria história”, entre outros. Inicialmente, dispõe-se uma breve introdução sobre a Teologia Negra. Por seguinte, são expostos e brevemente discutidos três exemplos bíblicos de mulheres negras que buscaram seu espaço e identidade. Há uma análise dos casos em relação às pistas hermenêuticas identificadas e conclui-se o artigo com um apontamento.

**Palavras Chave:** *Mulher, Teologia Negra, Hermenêutica*

**INTRODUÇÃO**

A Teologia negra<sup>2</sup> surge como uma resposta das comunidades eclesiais à situação vergonhosa de desumanização dos negros, principalmente nos Estados Unidos, onde tratou de problemas “principais de vida e morte que enfrenta um povo desprezado e aviltado”. Esta teologia é também “produto da experiência cristã negra e da respectiva reflexão (...) e foi a melhor esperança para a sobrevivência dos negros.”.

Entre 1966 – 1969, a teologia negra desenvolve-se oficialmente pela “Declaração do Comitê Nacional do Clero Negro” (26 de julho 1966), composto por um grupo de clérigos negros que tinham a intenção de formar “um novo movimento na cristandade americana”, com a finalidade de “realçar a auto-imagem”, a dignidade e a força da comunidade negra da América. O pressuposto era o de uma reafirmação do negro por significado através de uma teologia de emancipação e um confronto com uma opressão racial, e, tudo isso a custo, se necessário fosse, da própria vida.

---

<sup>1</sup> Pastor Batista e Teólogo, graduado em Teologia pela Faculdade Batista de Minas Gerais e especialista em Teologia Sistemática pelo Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix - Belo Horizonte MG. Atualmente é Pastor e Educador na Primeira Igreja Batista de Belo Horizonte.

<sup>2</sup> Wilmore GAYRAUDS; James H. CONE. *Teologia Negra*. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 58, 335-355.



## Pos-Escrito

### Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

---

A teologia negra é uma teologia de libertação negra. Ela procura sondar a condição negra à luz da revelação de Deus em Jesus Cristo, de modo que a comunidade negra possa ver que o evangelho é coincidente com a realização da humanidade negra. A Teologia negra é teologia da “negritude”. É a afirmação de humanidade negra que emancipa os negros do racismo branco, proporcionando assim autêntica liberdade, tanto para as pessoas brancas como para as pessoas negras.<sup>3</sup>

A Teologia negra, como uma teologia de libertação negra, desenvolve um sistema hermenêutico, identificado nas declarações do Comitê nacional do Clero negro<sup>4</sup>. A Partir de tais declarações, pode-se perceber as afirmações da teologia negra e de sua hermenêutica<sup>5</sup>:

- a) a afirmação de enraizar-se na experiência religiosa da Teologia Negra;
- b) a afirmação do ecumenismo negro;
- c) a afirmação do messias negro como símbolo teológico de Cristo: o oprimido homem de Deus;
- d) a afirmação de um programa político.

#### 1. O PROBLEMA A SER ABORDADO

*“Eu sou negra sim, como Deus me criou  
sei lutar pela vida, cantar liberdade, gostar dessa cor..*

(Canto afro-brasileiro)

Onde fica o olhar para a mulher na teologia negra?

Embora as mulheres negras representem mais da metade da população da comunidade negra e setenta e cinco por cento da igreja negra, sua experiência não esteve visivelmente presente no desenvolvimento da Teologia Negra. Em sua grande maioria, os teólogos negros permaneceram num silêncio de chamar a atenção sobre a teologia feminista em geral e sobre as mulheres negras em particular. Falamos da experiência religiosa negra como se ela consistisse somente da experiência de homens, sem nenhuma contribuição característica por parte das mulheres negras.<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> GAYRAUDS e CONE, *Teologia Negra*, p. 122-124.

<sup>4</sup> As declarações às quais me refiro, estão expostas em WILMORE ; CONE, 1986.

<sup>5</sup> Rosino GIBELLINI, *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 2002.p.408.

<sup>6</sup> WILMORE e CONE, *Teologia Negra* p. 239. Para conhecer sobre a influência da mulher negra, sugiro a leitura da parte IV do livro.



## Pos-Escrito

### Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

---

Para Maricel López, “ser negra não é somente, exclusivamente, ter pele negra, ser negra é uma filosofia, uma opção política, uma atitude política no sentido de assumir uma postura da vida”<sup>7</sup>. Assim, a bíblia trás uma contribuição para a identidade afro-feminista.

O texto bíblico está permeado por uma redação e interpretação branca, que possibilitou o ocultamento de mulheres e povos de origem africana. Por isso, uma hermenêutica negra feminista (...) resgata a mulher negra de seu papel de escrava, feiticeira, sensual, etc.<sup>8</sup>

#### 1º CASO: A mulher negra que teve contato com a divindade

“... que tens, Agar? Não Temas, pois Deus ouviu os gritos da criança, do lugar de onde está. Ergue-te! Levanta a criança, segura-a firmemente, porque eu farei dela uma grande nação” (Gn. 21, 17-18)

Agar é a única mulher das registradas na Bíblia que vê a divindade (Gn. 16,13-14. 21,17-18) e que adquire poder. Geralmente os homens são apresentados como os únicos que participavam da experiência religiosa na qual Deus fala, chamada teofania. (...) Mas aqui vemos uma mulher escutando a palavra diretamente de Deus: “A lahweh, que lhe falou, Agar deu este nome: Tu és *El-Roí*, pois, disse ela, 'vejo eu ainda aqui, depois daquele que me vê?' ” (Gn 16,13). (...) Como uma mulher ativa participante da religião pública israelita, é da maior relevância para as mulheres negras que (...) esta mulher escrava egípcia adquire seu direito à terra, da mesma maneira que a maioria das mulheres bíblia, mediante a maternidade. Mas, diferentemente de muitas delas, ela não é punida pela divindade como Eva em Gênesis e Miriam em Números 12.<sup>9</sup>

Lília Marianno<sup>10</sup>, fala do caso de Agar como “Jogados aos abutres: a denúncia que veio do deserto”. Ela relata que “Agar é mulher, é negra, é escrava, e mais: escrava de mulher (...). O único poder que Agar possuía era o de ser fértil, e este poder mudou sua história (...) e continua relatando que Agar, “emudecida e secundarizada é agora colocada pelos redatores com voz ativa, justamente sobre o patriarca mais importante de Israel.

---

<sup>7</sup> Maricel Mena. LÓPEZ, Hermenêutica negra Feminista – De invisível a intérprete da sua própria história. *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*, São Paulo: Vozes, ano 2005/1, n.50, p. 184

<sup>8</sup> LÓPEZ, Idem.

<sup>9</sup> LÓPEZ, *Hermenêutica negra feminista*, p. 185.

<sup>10</sup> Lília Dias MARIANNO, Mulheres e crianças na contramão da exclusão: denúncias, protestos e resistências de estrangeiros/as no pós-exílio. Em: SILVA; Valmor da; Reimer, Haroldo (orgs). *Hermenêuticas bíblicas: contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica*. Goiânia/São Leopoldo: UCG/ABIB/OIKOS, 2006. p. 166 -175. Conferir também, da mesma autora: Que alegria! A palavra de Yahweh também veio à mulher! Uma análise eco-feminista de Gn 16. Em: *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*, São Paulo: Vozes, ano 2005/1, n.50, p. 70 - 75.



#### **2º CASO: A mulher que assumiu um papel masculino na religião**

Aconteceu que no caminho, numa hospedaria, lahweh veio ao seu encontro, e procurava fazê-lo morrer. Séfora tomou uma pedra aguda, cortou o prepúcio de seu filho, feriu-lhe os pés, e disse: “Tú és para mim um esposo de sangue” (Ex.4, 24-25)

Segundo Maricel López, o fato de Séfora ter uma iniciativa de uma atividade que era exclusivamente da religião de Israel, concedia-lhe, a atuação como um feiticeiro (homem).

Séfora, a mulher de Moisés, é a primeira e única mulher que realiza um ritual de circuncisão. (...) Seu conhecimento e intimidade com o Deus que se está instaurado como Deus dos israelitas, faz com que ela o enfrente diretamente. E o faz com a única ferramenta capaz de apaziguar sua ira, o ritual da circuncisão. (...) A liderança desta mulher dentro da comunidade faz com que, mais adiante, Miriã e Aarão, irmã e irmão de Moisés murmurem contra a mulher cuchita (etíope) de Moisés.<sup>11</sup>

Maricel López apresenta sua interpretação sobre o caso: “uma crise de liderança entre estes três irmãos encarregados de conduzir o povo israelita até a terra prometida”, e acrescenta: “Quem sabe, o destino da nossa tradição teria sido bem diferente por mãos de mulher”.

#### **3º CASO: A mulher que não esconde sua cor para revelar sua beleza**

“Sou morena, mas formosa” (Ct. 1, 5)

Os comentaristas bíblicos (...) dentro da tradição justificam sua tez escura pelos trabalhos do campo a que foi obrigada (v.6). A ênfase da sua cor é dada aos trabalhos e não à comparação com a beleza das tendas negras dos beduínos. (...) Mas então como uma jovem escrava e estrangeira pode ser a protagonista do mais belo canto de amor do qual a humanidade tem conhecimento? (...) Ela faz uma poesia assinalando a beleza de seu próprio corpo: “sou negra e formosa” (Ct. 1: 5-8). (...) A sensualidade, a ginga, o jogo de cintura, o samba no pé, enfim, os movimentos dos corpos das mulheres negras tem sido objeto de violências perpetuadas através dos tempos. É por isso que resgatar a Sulamita deste belo canto significa re-afirmar a beleza de nossos corpos e com isso recuperamos a nossa auto-estima.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> LÓPEZ *Hermenêutica negra feminista*, p. 185.

<sup>12</sup> LOPEZ, *Idem*, p. 187.



Sobre a hermenêutica negra feminista, Maricel López acrescenta que ela se apresenta como

(...) um ato de compreender e interpretar o que temos em nós mesmas e, para isso utilizaremos os textos como meditação. (...) Agar e Séfora se relacionam com a divindade dentro do papel a elas atribuído, a maternidade. Ambas são mães de filhos dos patriarcas eleitos por Deus para dar continuidade à descendência israelita. (...) Abraão, um arameu errante, tem filhos de uma escrava egípcia, que por sua vez dá a seu filho uma esposa egípcia para ir e comandar a nação dos povos Árabes. Moisés, um judeu criado no Egito, casa-se com uma mulher cuchita e leva os israelitas do Egito a se estabelecerem na terra de Canaã. (...) No Cântico, somos convidadas a saborear da delícias dos sons, das imagens das cores dos sabores e saberes para afirmar a dignidade do corpo das mulheres negras (...) <sup>13</sup>

### 3. ANÁLISE DOS CASOS

Diante dos três casos expostos, podemos perceber afirmações da teologia negra, que não deixam de ser pistas da hermenêutica negra, as quais, são evidentes na leitura da teologia feminista.

Em primeiro lugar, percebe-se o enfoque na Espiritualidade Negra. Maricel López deixa evidente em sua interpretação que as ações de Agar, Séfora e da Sulamita estão enraizadas em um tipo de 'espiritualidade negra'. Discorrendo acerca de Séfora <sup>14</sup>, a referida autora afirma: "sem querer entrar num juízo ético sobre o valor desse tipo de prática, é importante lembrar que rituais semelhantes provêm de tradições africanas". O fato de estas mulheres terem a ousadia e coragem de se re-afirmarem quanto à sua identidade, parece apontar, para a autora, um tipo de espiritualidade propriamente negra, principalmente no que diz respeito às suas lutas e opressões

Em segundo lugar, pode-se perceber o ecumenismo negro, e um tipo de programa político, no caso deste artigo, talvez um ecumenismo entre 'mulheres' de raça negra. A esse respeito, a referida autora ressalta: "Quem sabe, o destino da nossa tradição teria sido bem diferente por mãos de mulher" <sup>15</sup>.

Em terceiro lugar, pode-se fazer a leitura do 'messias negro' no sentido de que este messias, 'se solidariza com a luta e libertação do povo negro". Pensar em libertação nestes termos, é pensar no corpo desta mulher, por vezes marcado de dores e usado como objeto de trabalho e apenas prazer sexual. Pensar neste messias negro, é perceber a identidade negra e ter orgulho dela: "sou morena, mas formosa"

---

<sup>13</sup> LÓPEZ, *Idem*, p. 187-188.

<sup>14</sup> LÓPEZ, *Idem*, p. 186.

<sup>15</sup> LÓPEZ, *Idem*.



## Pos-Escrito

### Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

---

(Cantares 1:5), é saber que um dia, este messias virá para trazer identidade e fazer com que esta 'morena' ou 'negra' seja reconhecida, assim como aconteceu em cantares.

Pensar em uma leitura hermenêutica desse porte, faz lembrar da música de Sandra de Sá, "Os meus olhos coloridos"<sup>16</sup>:

*Os meus olhos coloridos  
Me fazem refletir  
Eu estou sempre na minha  
E não posso mais fugir  
Meu cabelo enrolado  
Todos querem imitar  
Tá todo mundo baratinado  
Também querem enrolar  
Você ri da minha roupa  
Você ri do meu cabelo  
Cê ri da minha pele  
Você ri do meu sorriso  
A verdade é que você, todo brasileiro  
Tem sangue crioulo  
Tem cabelo duro  
Sará crioulo  
Sará crioulo, sarará crioulo*

#### APONTAMENTOS

Deus, sendo Espírito, pode ser negro ou branco, homem ou mulher, de forma que, os seres criados à sua imagem e semelhança podem encontrar nele respaldo para sua identidade, pois, Deus considera a humanidade, e não apenas os homens – brancos. A mulher, por sua vez, possui competência para assumir responsabilidades e ser participante de sua historia a partir de suas concepções. Assim, refletir acerca da Teologia Negra nos remete também refletir sobre uma teologia feminista. Fica esse desafio à Teologia Negra.

---

<sup>16</sup> Sandra DE SÁ. *Olhos coloridos*. 1979. Disponível em: <http://www.portalamazonia.globo.com/letrasdemusica> acesso em set. 2007.



## Pos-Escrito

### Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

---

Pelo fato da teologia negra ser uma teologia de libertação, deve-se ter cautela ao tratar de uma leitura feminista da teologia negra, para que esta, não se torne 'matriarcal', fechando-se em suas pressuposições.

O meio teológico e eclesial não pode tratar as mulheres com olhar discriminatório, mas, deve perceber e aceitar a contribuição que elas tem para trazer ao meio acadêmico e à igreja, e isso, sem ter o medo de que a mulher tome o lugar do homem. Os caminhos para a libertação da mulher, a partir da leitura da Teologia Negra, devem ser: o diálogo e a aceitação, porém, neste caminho, deve-se sempre evidenciar e priorizar o evento da ressurreição, pois é no crucificado e ressurreto que toda a humanidade é restaurada e liberta, inclusive, a mulher negra.

*Tiago de Freitas Lopes*

tiago@pibbh.com.br

<http://lattes.cnpq.br/6648524500409607>